



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A irresponsabilidade ambiental

O que nós temos assistido nos últimos tempos? O Rio Grande do Sul arrasado pelas inundações provocadas pelas chuvas; os rios do Pará reduzidos a cursos de areia; matas em combustão na Amazônia, no Pantanal e no Cerrado; a fumaça tóxica provocada por incêndios sufocando vários estados e muitas cidades.

Seria possível imaginar que as excelências do Congresso Nacional tomassem alguma providência no sentido de promover debates no parlamento com cientistas para formular políticas públicas a fim de atacar o problema. Mas o fato é que elas não apenas se omitem ou assumem uma postura negacionista,

mas também formulam projetos que só agravarão a crise climática.

Em primeiro lugar, os congressistas estão preocupados com a proibição do pagamento das chamadas emendas Pix ou com a restrição inconstitucional das decisões dos juizes do STF. Enquanto isso, segundo levantamento da revista *ECO*, vinte e cinco projetos de lei e três emendas à Constituição tramitam no Congresso com alta probabilidade de avanço, configurando um verdadeiro Pacote da Destruição.

Novos projetos e bizarrices antigas são ressuscitados e requeentados, sem qualquer respeito pelo vagar e ponderação exigidos pelo regimento do

Congresso e recomendados pela sensatez. Aliás, esse é um método que deveria ser reavaliado, pois as maiores sandices passam, nos vários níveis das casas parlamentares, a toque de caixa, da maneira mais irresponsável, sem que se torne possível a contestação ou a avaliação mais precisa de suas consequências.

Vejam algumas anomalias parlamentares em tramitação. O PL nº 364/2019 promove a flexibilização do Código Florestal e tem como consequência eliminar a proteção de todos os campos nativos e outras formações não florestais. Com isso, coloca toda a vegetação não florestal do país em perigo, pois permite que seja convertida para uso de pastagens plantadas, agricultura e mineração.

Enquanto isso, o PL nº 3334/2023

viabiliza a redução da reserva legal da Amazônia de 65% para 50% das áreas protegidas. E o PL nº 2374/2020 concede anistia para desmatadores. A tramitação não inclui discussão na Comissão do Meio Ambiente. Isso significa impunidade e estímulo a quem desmata. E tem mais: o PL nº 1282/2019 e o PL nº 2168/2021 permite obras de irrigação em áreas de preservação permanente. Além de abrir a porteira para a destruição da vegetação nativa, agrava a crise hídrica. Nós vimos o resultado dessa ação nas inundações recentes do Rio Grande do Sul.

Vejam outro caso: o PL nº 2159/2021 torna o licenciamento ambiental uma exceção em vez de regra. Com isso, destrói um dos principais instrumentos de controle contra a devastação do meio ambiente. Como se vê, é um verdadeiro

pacote da destruição. Não vejo os meios de comunicação abordarem o tema com a relevância que merece.

É uma ignorância tratar as questões do meio ambiente sob a óptica de esquerda e direita. O que está em jogo é a nossa sobrevivência e a do planeta para esta e as próximas gerações. É preciso que os empresários responsáveis, os banqueiros, as entidades da sociedade civil, os publicitários, os estudantes e os meios de comunicação se mobilizem para dar um basta a essa irresponsabilidade das nossas excelências. Novamente, eu me sinto como aquele personagem do filme *A Idade da Terra*, de Glauber Rocha, que berra para ninguém, no meio do Cerrado de Brasília, sob o fundo da imagem do Congresso Nacional: "Acorda, humanidade! Acorda, humanidade!"

CLIMA

O Distrito Federal está há 129 dias em estiagem. A marca ocupa o 10º lugar entre os períodos mais longos sem chuva na história da região. Moradores sentem efeitos. O **Correio** ouviu especialistas sobre como os brasilienses podem se proteger

A pior seca em 14 anos

» DAVI CRUZ

Atenção

O Distrito Federal vive um dos períodos de estiagem mais severos dos últimos anos. Até hoje, são 129 dias sem chuvas na capital federal, uma situação que não era registrada desde 2010, segundo o meteorologista Cleber Souza, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Embora o recorde histórico permaneça com os 163 dias sem precipitações, em 1973, a marca atual passou a ocupar a 10ª posição entre as maiores da história da região.

De acordo com Souza, não há expectativa de chover antes de outubro ou novembro. "Esperamos que não passe desse ponto", comenta. Ele lembra que, no Centro-Oeste, a transição do inverno para a primavera é marcada por temperaturas mais altas, aumentando a sensação de calor e agravando a baixa umidade do ar.

Paralelamente à estiagem, os brasilienses ainda foram surpreendidos, nos últimos dias, pela fumaça de queimadas ocorridas em outras partes do país e que sufocaram o "quadrado". O incômodo começou a ser resolvido, graças a ventos vindos do Sudeste e Nordeste do Brasil. Segundo o meteorologista: "A qualidade do ar já apresenta um nível considerado bom".

A ausência de precipitações, que agrava a situação de baixa umidade do ar, exige cuidados extras. A dermatologista Luana Portela, presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia do DF, reforça a importância da hidratação e do uso de produtos hidratantes para evitar o ressecamento da pele. "A ingestão de água é essencial para manter o corpo e a pele saudáveis, especialmente em um período de seca como este", destaca.



A ingestão de água é essencial para o corpo e pele saudáveis. Prefira banhos mornos e rápidos, com aplicação imediata de hidratantes com ceramidas, ureia ou pantenol, para manter a umidade da pele"

Luana Portela,
dermatologista

A dermatologista também recomenda o uso de protetor solar, mesmo em dias nublados ou dentro de casa. Além disso, ela orienta evitar chuveiro muito quente, o que pode remover os óleos naturais da pele. "Prefira banhos mornos e rápidos, seguidos da aplicação imediata de hidratantes que contenham ceramidas, ureia ou pantenol, para manter a umidade da pele", aconselha Luana.

Luiz Alberto Barbalho, oftalmologista do Hospital de Olhos de Brasília, alerta que a seca e a poluição podem afetar a produção de lágrimas, causando desconforto ocular. "É comum a população apresentar sintomas como ardência, lacrimejamento, e vermelhidão nesta época do ano",

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press



Os candangos, que viveram três dias cobertos por fumaça, ainda sofrem com os efeitos da seca contínua: pele ressecada e dores de cabeça



A expectativa do Inmet é que as precipitações pluviométricas possam retornar em outubro ou novembro

explica. Ele recomenda o uso de colírios lubrificantes para manter a hidratação dos olhos.

O infectologista André Bon, do Hospital Brasília, esclarece que a seca não aumenta diretamente a transmissão de infec-

ções, mas a desidratação pode reduzir a capacidade de proteção das mucosas respiratórias, favorecendo infecções por vírus respiratórios. "A hidratação é fundamental para manter as mucosas protegidas", afirma.

Experiências

Para os moradores da capital, o impacto da seca é parte do cotidiano. Ivan Pereira de Oliveira, aposentado, 87 anos, relata que, apesar de passar a maior parte

do tempo em casa, sente a seca na garganta e a dificuldade para respirar. "Muita água é o 'segredo' que tenho escolhido para enfrentar este período. Nunca tinha visto uma seca tão forte como esta. É a pior desde que cheguei do Rio de Janeiro", observa o fluminense, que vive em Brasília há 4 décadas.

Letícia Arantes, 34, também tem sofrido. "Meu nariz começou a sangrar nos últimos dias, e a tosse seca se intensificou", conta a bióloga, que veio de São Paulo. Ela está tentando se adaptar à nova rotina, seguindo orientações médicas para tomar Sol e evitar a exposição nos horários de maior calor. "Estou treinando (ao ar livre), mas sempre com minha garrafa do lado para aliviar esse calorão", acrescenta.

Luiz Otávio, 58, que alterna residência entre o Rio e Brasília, diz que o maior incômodo é à noite. "Durante o dia, o clima seco me incomoda bastante, mas à noite, para dormir, é muito mais difícil", relata. Para garantir um bom sono, ele utiliza umidificadores. Acordado, não deixa de se hidratar constantemente.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 29 de agosto

» Campo da Esperança

Alcir de Oliveira, 82 anos
Antônio Batista, 76 anos
Cidocha Maria da Rocha, 64 anos
Diego Faria de Oliveira, 29 anos
Francisco Queiroz Sobrinho, 84 anos
Gabriel Eduardo Ribeiro, 71 anos
José Américo Miari, 82 anos
Lídia Sousa Oliveira, 28 anos

Maria José Barbosa de Andrade Silva, 62 anos
Mauro Lemos Mendonça, 56 anos
Nilza de Souza Ramos, 79 anos
Terezinha do Rosário Malheiros, 72 anos
Walkiria de Bacellar Benetis, 86 anos

» Taguatinga

Anaides Rodrigues do Nascimento, 10 anos

Antônia Gomes Martins, 83 anos
Cândido Dantas de Araújo, 79 anos
Constantino Ferreira de Freitas, 90 anos
Dirceu Tomaz da Silva 94 anos
Eduardo Rodrigues Lima, 53 anos
Isaura Noberto Mendes, 95 anos
Jairo Teixeira Soares, 59 anos
João Augusto Pereira Lima, 62 anos
Luiz Alves de Carvalho, 77 anos

Nair Machado Lopes, 84 anos
Sílvia Ribeiro dos Santos, 41 anos
Silvino Pereira, 49 anos

» Cemitério do Gama

Ângela Maria Pereira Batista, 40 anos
Divino Henrique de Lima, 62 anos
Egídio Antônio dos Santos, 88 anos
José Aparecido Nunes, 67 anos
Ykharo Ferreira da Silva, 2 anos

» Cemitério de Planaltina

Antônio Valença de Araújo, 99 anos
Lorenzo Vieira Braga, 6 anos

» Cemitério de Brazlândia

Helena Nunes de Paula Siqueira, 76 anos
Antônio Carlos Menezes, 62 anos
Marinalva Santos, 69 anos
Nikole Souza Alves, 19 anos
Petronília dias Cardoso, 90 anos

Uellinton Lopes dos Santos, 39 anos
Vanessa Santos, 24 anos

» Jardim Metropolitano

Lúcia de Fátima dos Santos Lopes, 66 anos
Luiz Evaldo Lima, 28 anos
Graciane Rosa de Oliveira, 34 anos
Léo Oliveira de Lima, menos de 1 ano
Luiz Soares dos Santos, 90 anos
Gabriel Ferreira Gorski, 27 anos